

QUINTA-FEIRA • 14 DE ABRIL DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31006 de 14 de Abril de 2016, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

ENTREVISTA

MATILDE SALEMA

UMA PORTUGUESA NUM CAMPO DE REFUGIADOS EM LESBOS

— P. 3-5 —

COZINHAR O CAMINHO DA MISSÃO...

DAVIDE DUARTE

MEMBRO DO CENTRO MISSIONÁRIO ARQUIDIOCESANO DE BRAGA

Num mundo desenvolvido é imposto a muitos jovens a necessidade de uma formação académica como o “bilhete” para um futuro digno. No contexto missionário surgem outros temas de formação, como missiologia, antropologia, inculturação, cooperação, ou desenvolvimento, sendo o “bilhete” para integrar num projeto *Ad Gentes*. Contudo, é tão ou mais fundamental a espiritualidade e a experiência de vida numa Fé madura de compromisso cristão que se releva numa maneira singular de estar no mundo, “um estilo de vida”!

Cresci no seio de uma família cristã, onde a importância da catequese recebida me fez descobrir e construir o meu compromisso na Igreja. Apesar de, na minha educação cristã, nunca ter despertado para a acção missionária, foi esta que me levou à procura de melhor responder ao chamamento de Deus.

O contacto mais directo com a Missão surgiu apenas nos finais de 2009, após o convite de uma amiga para conhecer o grupo *Diálogos*, Leigos SVD para a



missão. O grupo *Diálogos* alimenta-se do carisma vivido pela Congregação dos Missionários do Verbo Divino, fundados pelo Santo Arnaldo Janssen, em 1875. Foi aqui que se desenvolveu e solidificou uma maior consciência e responsabilidade missionária.

Em contexto de missão, somos enviados para locais com realidades bem diferentes da envolvente do nosso dia-a-dia. Até ao momento, apenas estive num projeto *Ad Gentes* por uma única vez durante um mês, em Angola. As restantes experiências missionárias

têm sido vividas em Portugal, em pequenos projetos com idosos ou jovens portadores de multideficiências, num contexto que se assemelha mais ao meu quotidiano. Contudo, é no contacto com os outros que percebo a importância de haver uma pré-instrução de base que nos lança ferramentas para os diversos trabalhos a desenvolver no campo da missão. Pequenas coisas como o à-vontade para uma conversa com um idoso ou qual a melhor reacção perante diferentes culturas e religiões de outros países.

É num ciclo contínuo de formação/experiência que vejo um crescimento sólido como pessoa onde posso aprender e praticar progressivamente. De que me adianta ter muita formação sem depois a poder praticar? Ou, que posso experimentar se não tenho as bases para o saber fazer? É desta forma que acredito que as minhas experiências missionárias têm vindo a envolver-me numa dimensão cada vez mais integral do meu eu!

Não quero que esta caminhada aconteça por imposição, mas sim pelo aproveitar das oportunidades que me vão surgindo. É importante um missionário estar sempre, e cada vez mais, preparado, para quando sentirmos que Deus nos “bate à porta”, podermos responder SIM de prontidão!

Somos seres insatisfeitos, o que nos leva a um contínuo crescimento, em constante formação. É nesta caminhada que espero o discernimento de uma vocação missionária, onde não bastará o “querer fazer”, mas sim o “querer fazer à imagem de Deus” tudo aquilo para o qual a Igreja nos envia. Assim, vejo a componente da formação como o “estrugido” que apura o sabor de uma Missão. Quanto mais a cozinharmos, mais vamos poder desfrutar do seu sabor. É nessa intensidade que quero viver a Missão, num serviço aos outros, como um estilo de vida!



PAPA FRANCISCO @pontifex_pt

11 Abril 2016

O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja.

09 Abril 2016

A família é o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para os seus filhos.

D. JORGE ORTIGA @djorgeortiga

08 Abril 2016

Entrega(-te) sem reservas, sem saídas de emergência, tudo o que tens nas mãos de Jesus e verás milagres acontecerem.

GONÇALO AFONSO



DISCRIMINAÇÃO AFECTA MILHÕES DE CIGANOS

Os membros da Conferência das Igrejas Europeias (CIE) alertaram, no âmbito do Dia Internacional dos Ciganos (8 de Abril), para a “discriminação” que enfrentam “10 a 12 milhões de pessoas”, pertencentes a comunidades ciganas ou de etnia “rom”, no continente europeu. A CIE destaca o facto de estas pessoas terem sido “escravizadas, torturadas, e mortas” em diversos momentos ao longo da história e de ainda hoje não serem satisfeitos alguns dos seus “direitos básicos”, como “a educação, a habitação e a saúde”.

ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS



PAPA FRANCISCO VISITA REFUGIADOS EM LESBOS

O Papa Francisco visita a ilha grega de Lesbos este Sábado, dia 16 de Abril. “A visita será uma nova tentativa para colocar sob o olhar mundial a situação dos refugiados e, ao mesmo tempo, as suas causas. E vai interpelar o mundo e a consciência global para se fazer alguma coisa para evitar isto”, revelou o cardeal Peter Turkson, presidente do Conselho Pontifício da Justiça e Paz, em entrevista à *Rádio Vaticano*. A acompanhar o Papa estará o primeiro-ministro grego, Alexis Tsipras, e Bartolomeu I, Patriarca de Constantinopla.

DR



PAPA ALERTA QUE “DAR ESMOLA” IMPLICA FALAR COM A PESSOA

O Santo Padre sublinhou, durante a audiência especial do Ano Santo, que “dar esmola” é um ponto “essencial da misericórdia” e que deve passar por falar com quem pede ajuda, “para se entender verdadeiramente o que [a pessoa] necessita”. Para o Papa Francisco, este é um “gesto de amor” e de “atenção sincera”, que deve “levar consigo toda a riqueza da misericórdia”. “Não é a aparência que conta, mas a capacidade de parar e fixar, olhos nos olhos, a pessoa que pede ajuda”, advertiu o Sumo Pontífice.

REFUGIADOS. “PESSOAS DE NINGUÉM”

“EU SOU A **MATILDE SALEMA**, TENHO 22 ANOS, SOU ESTUDANTE DE ENFERMAGEM, NO 3.º ANO. SOU CATÓLICA CONVICTA, SOU PIROSA, TENHO UMA MOTA COR DE ROSA E TENHO 6 IRMÃOS, QUE SÃO O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA. **SOU APAIXONADA POR PESSOAS, PORQUE ME FAZEM APAIXONAR POR DEUS TODOS OS DIAS E É PELAS PESSOAS QUE EU ME DEDICO E MOVO**”.



“**A**ndam descalços com oito graus negativos, à chuva, à neve. É muito complicado haver esperança nisto”, explica Matilde Salema a propósito dos refugiados. Esteve um mês, como voluntária, na ilha de Lesbos, Grécia, a prestar apoio num campo de acolhimento. “Gratidão” é a palavra com que define a atitude de quem chega à Europa após conhecer a guerra e o tráfico, mas, assegura: “Ninguém quer saber deles”.

— **Já tinhas alguma experiência em voluntariado, antes de partires para Lesbos?**

Bastante. Cá em Portugal. Faço voluntariado com os sem-abrigo semanalmente, já há muitos anos. Trabalho com crianças institucionalizadas, com a equipa de jovens de Nossa Senhora. Sou catequista e animadora em campos de férias.

— **Que imagem tens hoje dos refugiados, depois do contacto próximo com eles?**

São pessoas da guerra. São pessoas que estão traumatizadas, mas que são espectaculares, umas mais, outras menos. São pessoas que precisam da nossa ajuda e que não pedem muito. Pedem o que pedem porque precisam. Não vêm para cá a achar que vão ser ricos. Eles querem voltar para os países deles. Os sírios, por exemplo, gostam muito

do país deles e dizem mesmo que, se não houver lá sírios, aquilo já não é a Síria, por isso têm que voltar e reconstruir o país. Eles não querem ficar cá, simplesmente não têm condições para se manter na guerra.

— **O que é que fazias no campo de acolhimento?**

Eu fiz tudo o que havia para fazer. Estive nas praias a tirar as pessoas dos barcos, na clínica com os médicos e enfermeiros, a trabalhar com a polícia no registo, a montar tendas, a distribuir alimentos, roupa...

— **Qual era a tarefa mais difícil ou ingrata?**

São todas muito ingratas. A comida não chega, a roupa não chega, o frio e a fome vêm sempre. Não há sítio para eles dormirem. O registo demora mais tempo do que aquilo que é suposto.

— **Quando chegava um barco, qual era o procedimento normal?**

O barco chega, nós estamos à espera. Tiramos as crianças primeiro, depois os doentes, depois as mulheres e finalmente os homens. Nessa altura, quem precisa de ser reanimado é reanimado, quem precisa de cuidados médicos, por hipotermia, ou por alguma outra coisa, tem os cuidados médicos lá e depois disso tiramos os coletes a toda a gente. Entretanto, encaminhamos as pessoas para o autocarro que as leva para o campo de Moria, que é um campo de registo. (...) Lá, a primeira coisa que fazemos é trocar-lhes a roupa, se estiverem molhados e se houver roupa. Depois, vão à tenda da alimentação buscar um chá ou qualquer coisa quente. A seguir, dividimos entre sírios e iraquianos — que são os que vêm

em maior número — para o registo, e todos os outros países têm um outro sítio de registo.

— **Quando os refugiados chegavam, o que é que lhes dizias?**

Quando chegavam dizia logo “welcome”, abria os braços e abraçava-os. E depois, dizia às famílias: “Não larguem as vossas crianças”. Saiu uma notícia de que havia 10 mil crianças refugiadas que desapareceram na Europa. Mas na Síria, por exemplo, não se ouviu falar de crianças roubadas, então é normal que as mães deixem os filhos e vão passear ou vão comprar qualquer coisa e depois voltem. Porque as pessoas que estão à volta estão a “deitar o olho”. Na Síria não há crianças roubadas ou perdidas e quando eles chegam à Europa fazem a mesma coisa. (...) Por isso eu dizia aos pais “não larguem as vossas crianças”. Se os perdessem era muito difícil de os voltar a encontrar.

— **E o que é que eles diziam?**

Eles só diziam: “Obrigada, obrigada e obrigada”. “Obrigada por nos receberem, obrigada”. E choravam.

— **Qual era o sentimento predominante nos refugiados recém-chegados?**

É complicado. Eles querem fugir da guerra e acham que a Europa tem alguma coisa para eles, mas chegam cá e temos muito pouca coisa para lhes oferecer. Na maior parte das vezes o sentimento era de gratidão. Uma vez perguntei a um refugiado: “Sabes que a Europa não tem nada para te dar?”. E ele disse: “Pelo menos aqui não temos bombas, não tenho o perigo de morrer se for ali à esquina”. Nesse sentido, é gratidão. Mas também tive várias pessoas a chorar e a dizer que deviam ter ficado na Síria porque vão morrer com as condições que lhes estamos a oferecer e, por isso, mais valia terem ficado na terra deles. Porque é fácil imaginar, mas difícil sentir aquilo que as pessoas vivem. Está muito frio e eles passam fome. O frio e a fome são coisas desconcertantes. É mesmo muito mau. Eles têm frio e nós nem sempre temos roupa, meias, sapatos para lhes dar. Eles andam descalços com oito graus negativos, à chuva, à neve. É muito complicado haver esperança nisto.

— **Quais são as principais preocupações dos refugiados quando chegam à Europa?**

Registarem-se. A única coisa que

eles querem é registarem-se para poderem continuar o caminho deles. Perguntam logo: “Onde é que eu posso registar-me?”. Muitos deles, quando chegam dos autocarros, não querem trocar de roupa nem comer, porque já sabem que isso vai atrasar o processo, vão perder lugar na fila e são mais dias que vão ficar à espera.

— **Achas que eles são devidamente informados?**

Não. Quando eu não estava a trabalhar no campo, fazia muita pesquisa, porque ninguém lhes dá informação. O sentimento que eu tinha era de que essas pessoas são pessoas de ninguém. Ninguém quer saber delas. Não há ninguém que cuide delas. Aquilo que eu fazia era pesquisar muito sobre quais eram as fronteiras que estavam abertas, as que não estavam, como é que se pediam os asilos, com quem é que iam ter ao chegar ao destino. (...)

— **O que é que te diziam sobre a vida no país deles?**

Dizem que está muito mal. Eles não vêm todos de sítios de guerra. A Síria, por exemplo, não está toda em guerra — estão algumas cidades — mas aquilo que eles dizem, mesmo aqueles que não vieram de cidades destruídas, é que não sabem se a cidade deles é a próxima a ser invadida. Portanto, não querem ficar lá com as famílias deles. E apesar de muitos deles não terem vivido no meio das bombas, viveram uma guerra psicológica e emocional.

— **Houve alguma situação que te tivesse marcado particularmente?**

Há muitas, mas posso contar uma. Houve uma criança com quem eu estava a brincar, que tinha sete anos, vinha da Síria, de Damasco, que é a capital e que foi brutalmente destruída pelas bombas. Às tantas, perguntei-lhe pela família dele. Ele olhou para mim e disse: “Já não tenho família”. E eu pensei: “O que é que eu fui dizer...”. E não perguntei mais nada, mas ele entretanto começou a falar — falava inglês — e disse assim: “Eu tinha cinco irmãos, e houve um dia que eu fui ao supermercado com o meu pai e quando voltámos tinha caído uma bomba em nossa casa e os meus irmãos e a minha mãe morreram todos. Então, eu e o meu pai decidimos vir para a Europa, e o meu pai morreu durante a viagem”. Portanto, esta criança com sete anos de repente está sozinha no mundo.

— **Que acompanhamento é dado a essas crianças que estão sozinhas?**



O SENTIMENTO QUE EU TINHA ERA DE QUE ESSAS PESSOAS SÃO PESSOAS DE NINGUÉM. NINGUÉM QUER SABER DELAS. NÃO HÁ NINGUÉM QUE CUIDE DELAS.

Elas quando chegam sozinhas vão ser recolocadas em instituições de crianças abandonadas ou que perderam as famílias, portanto são recolocadas em vários países. Portugal também vai acolher.

— **No campo de acolhimento, em algum momento sentiste medo?**

Nunca. Eu andava sempre sozinha, sem outros voluntários, mas com a companhia de refugiados. E tinha muita graça porque eles tomavam conta de mim, chamavam-me “my princess”. Havia uns que de vez em quando me traziam um chá. “My princess” para aqui, “my princess” para ali, e andavam atrás de mim,



eu ia fazendo o meu trabalho, andava sempre sozinha com o meu colete. Fazia quase sempre os turnos da noite, que eram os que havia menos voluntários, mas nunca tive medo. (...)

— **Como é que comunicavas com os refugiados?**

Eu aprendi a falar várias coisas em árabe e em “farsi” [persa], para poder comunicar com eles quando chegavam. Mas quando a conversa começava a ficar mais difícil de acompanhar, porque eu só sabia coisas básicas, pedia ajuda a algum tradutor. Normalmente os tradutores eram outros refugiados que falavam inglês. Eu punha-me aos gritos pelo campo a perguntar se havia algum tradutor,

e aparecia sempre alguém que me vinha socorrer. Também andava com o telemóvel e às vezes usava o “google tradutor”. Recorria muito à comunicação não verbal, que também é muito importante.

— **Lidaste com muitos homens muçulmanos. Sentiste algum constrangimento pelo facto de seres mulher?**

(...) Houve uma vez que tive que despir um muçulmano, porque ele estava em hipotermia e tinha de vestir alguma coisa muito rápido. Estava a despi-lo, a tirar-lhe as calças, desapertei-lhe o botão e de repente, eu estava com as mãos nas pernas dele e pensei: “Deixa-me olhar para esta pessoa”. Ele não falava e começou-me a piscar os olhos quase que a dizer: “Não, continua, eu não quero saber se estás a tocar em mim, mas salva-me”. Despi-o completamente e enrolei-o num cobertor de emergência. Não me lembrei logo que ele podia ser muçulmano. Para mim foi instinto de salvação. Mas para eles é uma coisa muito complicada. Uma mulher a despi-lo, uma miúda, à frente de muitas pessoas...

— **Qual era a atitude dos refugiados contigo e com os restantes voluntários?**

(...) Quanto a mim, fui em serviço, para lhes lavar os pés, não para ser voluntária. Fui servi-los, porque eu acho que isso muda muito a perspectiva. Há muitas alturas no campo em que as coisas estão tão difíceis que nós podemos pensar: “Se eu quiser vou-me embora”. E há muitos voluntários que fazem isso, que a meio dos turnos vão-se embora porque aquilo de facto é muito difícil, está muito frio, muita chuva, estamos muito cansados. (...) Um exemplo muito concreto: quando eu estava na tenda da roupa, achava tão bom quando eles me diziam que gostavam mais se eu tivesse uma camisola encarnada, por exemplo. Mas havia voluntários que diziam: “Era o que mais faltava, quer dizer, eu estou a dar uma camisola, se quiser veste, se não quiser vai-se embora”. Mas eu achava muita graça e ia procurar uma camisola daquela cor que eles gostavam muito ou daquela forma, porque estas pessoas já perderam tantas coisas, muitas vezes a família, a casa, a terra deles, que eu achava mesmo bonito que a dignidade deles não tivesse sido perdida. Eles não se tinham esquecido do que é que gostavam e do que é que não gostavam. Então, eu ia procurar a camisola encarnada, porque eu achava que eles sentirem que alguém,

no meio daquela miséria toda, lhes fez sentir um bocadinho deles, isso fazia a diferença. (...) Eles ali estão condicionados por tudo, a comida chega à hora que chega, se eles têm fome, têm que esperar. Nada é decidido por eles, não mandam em nada.

— **No meio de toda esta experiência, o que é que te custou mais digerir?**

Várias coisas. Quando estava lá, sentia mesmo muita pena e ficava muito triste pelos homens que faziam a travessia sozinhos, porque isto já é tão difícil de se fazer acompanhado... Para além disso, eles são os últimos em tudo, na comida, na roupa, e muitas vezes nem se quer chega para eles, são sempre a última prioridade. Sofrem de uma carência emocional e de acompanhamento muito grande. Via-se muitos homens sozinhos enrolados em mantas, e muitas vezes é porque a família não tem dinheiro para vir toda — a viagem é muito cara — por isso mandam aqueles que podem vir. Uma mulher sozinha, culturalmente, não vem, por isso é que há tantos homens e não tantas mulheres. Eles vêm muitas vezes a chorar, a dizer que não sabem -se vão voltar a ver a família, se eles vão morrer com uma bomba agora ou amanhã, e vêm muito traumatizados, porque isto é muito difícil.

— **De que modo é que o facto de seres católica te ajudou a lidar com esta experiência?**

A primeira coisa que fiz quando cheguei à ilha foi procurar uma igreja para saber que ia ter um espaço para rezar e estar ali só com Jesus. E não havia. (...) E eu aí pensei: “Meu Deus, isto assim



DÁ MAIS TRABALHO PERCEBER O QUE É QUE ESTÁ A ACONTECER DO QUE PEGAR EM 10€, COMPRAR NÃO SEI QUANTOS PACOTES DE ARROZ E ENVIAR

não vai correr nada bem”. Aquilo já era tudo tão difícil... Mas as coisas foram acontecendo e eu saí muito tranquila. Ia rezando. Eu acho que é possível viver a rezar, e eu rezo muito a viver e a fazer. (...) Houve um dia de tempestade em que eu estava muito triste, estava mesmo sem forças, e a meio do turno veio um refugiado ter comigo e disse-me assim: “Sabes onde é que eu posso rezar?”. E eu disse-lhe: “Olha, tens ali uma mesquita”. E ele disse-me: “Não, não é isso, eu queria uma igreja, sou católico”. E eu de repente abri os braços e disse: “Olha, eu sou a igreja, vamos rezar os dois”. E fomos os dois rezar um bocadinho. (...) E aí percebi: “Eu não estou mesmo sozinha, não preciso de ir para uma igreja para estar com Jesus”. (...)

— **Qual é a melhor forma de as pessoas ajudarem?**

Mudando a mentalidade e percebendo qual é que é, qual é que é esta guerra. Este é o ponto essencial para mudar as coisas. Porque mudar a mentalidade, falar e conhecer o problema dá muito mais trabalho do que enviar camiões com comida e roupa — e Portugal ajudou muito, com muitos camiões, porque somos um país que é sensível. Mas dá mais trabalho perceber o que é que está a acontecer do que pegar em 10€, comprar não sei quantos pacotes de arroz e enviar. Porque isso é fácil! Agora, saber o que é que se passa e falar disso abertamente é que é mais complicado, mas é quando nós nos esforçamos e quando nos entregamos que o nosso coração se transforma. Por isso, acho que o difícil está aí, e não é preciso fazer mais do que isso. (...)

— **Que impacto é que esta experiência teve em ti e na tua vida?**

Eu voltei a mesma Matilde, mas com mais noção de que o mundo é muito grande e de que nós às vezes perdemos a consciência do valor da vida e de quem realmente são as pessoas. Eu nunca tinha estado numa situação tão limite quanto esta. De facto, quando as pessoas falam destes problemas todos, de que isto é muito mau para a economia, que politicamente é muito complicado, por vezes esquecem-se de que o principal é a vida, e a vida humana tem que ter muito mais valor do que todas essas coisas que possamos falar e discutir. Este problema arrasta-se, porque nós nos esquecemos que estamos a falar de pessoas.

“COMO EU VOS AMEI, AMAI-VOS TAMBÉM UNS AOS OUTROS”

V DOMINGO
DE PÁSCOA



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Cantai ao Senhor*, F. Silva (NCT 211)
- **GLÓRIA:** C. Silva (OC, p. 532)
- **APRES. DONS:** *Hino do Ano da Misericórdia*
- **COMUNHÃO:** *Dou-vos um mandamento novo*, F. Silva (IC, p. 430-431/ NRMS 71-72)
- **FINAL:** *Ó Páscoa gloriosa*, F. Santos

EUCOLOGIA

Orações próprias da Missa do V Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor (*Missal Romano*, p. 356)
Oração Eucarística V/A (*Missal Romano*, p. 1157ss)

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Actos 14, 21b-27

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Naqueles dias, Paulo e Barnabé voltaram a Listra, a Icônio e a Antioquia. Iam fortalecendo as almas dos discípulos e exortavam-nos a permanecerem firmes na fé, “porque – diziam eles – temos de sofrer muitas tribulações para entrarmos no reino de Deus”. Estabeleceram anciãos em cada Igreja, depois de terem feito orações acompanhadas de jejum, e encomendaram-nos ao Senhor, em quem tinham acreditado. Atravessaram então a Pisídia e chegaram à Panfília; depois, anunciaram a palavra em Perga e desceram até Atalia. De lá embarcaram para Antioquia, de onde tinham partido, confiados na graça de Deus, para a obra que acabavam de realizar. À chegada, convocaram a Igreja, contaram tudo o que Deus fizera com eles e como abrisse aos gentios a porta da fé.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 144, 8-13ab (R. 1)

Refrão: Louvarei para sempre o vosso nome, Senhor, meu Deus e meu Rei.

LEITURA II Ap 21, 1-5a

Leitura do Livro do Apocalipse

Eu, João, vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido e o mar já não existia. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do Céu, da presença de Deus, bela como noiva adornada para o seu esposo. Do trono ouvi uma voz forte que dizia: “Eis a morada de Deus com os homens. Deus habitará com os homens: eles serão o seu povo e o próprio Deus, no meio deles, será o seu Deus. Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; nunca mais haverá morte nem luto, nem gemidos nem dor,

porque o mundo antigo desapareceu”. Disse então Aquele que estava sentado no trono: “Vou renovar todas as coisas”.

EVANGELHO Jo 13, 31-33a.34-35

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Quando Judas saiu do Cenáculo, disse Jesus aos seus discípulos: “Agora foi glorificado o Filho do homem e Deus foi glorificado n’Ele. Se Deus foi glorificado n’Ele, Deus também O glorificará em Si mesmo e glorificá-l’O-á sem demora. Meus filhos, é por pouco tempo que ainda estou convosco. Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”.



CONTARAM TUDO O QUE DEUS FIZERA COM ELES

ANO C - 2016
QUINTO DOMINGO DE PÁSCOA

www.laboratoriodafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Missão

CARACTERÍSTICA

Questionar a razão última e o modo como nos dedicamos à missão que nos está confiada.

CONCRETIZAÇÃO: A Palavra de Deus é reveladora de uma nova realidade que está a acontecer: há novos seguidores do ressuscitado e há a promessa de coisas novas. Sem dúvida, a verdade do amor a Deus e aos irmãos é sempre capaz da surpresa do novo. Como sinal de que somos sensíveis e abertos a essa novidade, vamos apresentar no coração a palavra AMOR e acender, após a admonição final, uma pequena vela a partir do Círio Pascal, que ficará, juntamente com dois "pés", na proximidade da palavra, à volta do coração.

MISSÃO

Nesta semana, em cada dia, logo pela manhã, a primeira pessoa a quem desejarmos bom dia, seja tocada por nós com um beijo, um abraço ou um cumprimento de mão, num compromisso de autenticidade e verdade de amor.

REFLEXÃO

As maravilhas de Deus continuam a ser descritas pelos livros dos Actos dos Apóstolos, Apocalipse e Evangelho segundo João. No Quinto Domingo de Páscoa (Ano C) a palavra-chave é amor: Boa Nova do amor anunciada a todas as pessoas (primeira leitura), maravilhosa misericórdia que nos salva (salmo), força poderosa do amor que renova todas as coisas (segunda leitura), mandamento do amor que antes de nos ser pedido é já praticado por Jesus Cristo (Evangelho). Em Ano Santo da Misericórdia, a Igreja é chamada a viver e a anunciar o amor misericordioso do Pai.

“Contaram tudo o que Deus fizera com eles”

O texto do livro dos Actos dos Apóstolos, proposto para primeira leitura, apresenta a parte final da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. O caminho foi longo: partiram de Antioquia da Síria, passaram pela ilha de Chipre, seguiram de barco para a Ásia, onde evangelizaram a região da Galácia. A viagem de regresso levou-os de novo à costa, a Perga e Atalia, e através do mar voltaram a Antioquia. A descrição do regresso a Antioquia oferece preciosas indicações sobre as pequenas comunidades cristãs da Ásia Menor. A sequência das cidades por onde passaram Paulo e Barnabé é reconhecida quer pelos documentos históricos quer pelos dados geográficos. Um detalhe: não confundir Antioquia (da Pisídia) que está junto de Listra e Icónio, com Antioquia da Síria; esta última é a referência da comunidade cristã de onde partem Paulo e Barnabé. A acção de Paulo e Barnabé

é de carácter pastoral: exortam os cristãos à fidelidade, ensinando-lhes que a experiência do sofrimento é inevitável para entrar no Reino de Deus; nas comunidades, escolhem “anciãos”, homens experientes cuja missão é presidir às comunidades. Os discípulos missionários deixam-se conduzir pela “graça de Deus”, a mesma que “abrirá aos gentios a porta da fé”. A oração, o jejum e a confiança expressam o reconhecimento de quem é o verdadeiro actor da acção missionária: Deus. No final da viagem, na comunidade de Antioquia da Síria, “contaram tudo o que Deus fizera com eles”. A Igreja é por natureza missionária. Hoje, como ontem, os discípulos missionários não actuam por conta própria, numa espécie de mero voluntariado e generosidade, mas são enviados pela comunidade para anunciar a alegria do Evangelho. De então para cá, a Igreja continuou esta missão, ainda que o tenha feito de forma diversificada consoante as épocas. Chegados ao século XXI, surgem repetidas constatações semelhantes à que foi pronunciada pelos Bispos de Portugal: “O Evangelho de Jesus Cristo é cada vez menos conhecido. E para uma parte significativa daqueles que dizem conhecê-lo, é notório que já perdeu muito do seu encanto e significado. Este cenário é preocupante e pede, com urgência, à Igreja presente na cidade dos homens uma nova cultura de evangelização, que vá muito para além de uma simples pastoral de manutenção” (Carta Pastoral dos Bispos de Portugal, “Como Eu fiz, fazei vós também”. Para um rosto missionário da Igreja em Portugal, 2010, 3).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Parar um pouco no rito da fracção do Pão e da saudação da paz

Será oportunidade para, uma vez mais, se dizer que o gesto da saudação da paz não é apenas um cumprimento, mas é a demonstração de compromisso de vida em paz e amor fraternos, decorrentes da vivência do mandamento do amor, na consciência assumida da presença viva em nós de Jesus ressuscitado, nossa paz e reconciliação.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Caríssimos irmãos e irmãs: Nós que escutámos a Palavra de Jesus, elevemos até Deus as nossas preces pela Igreja e por todos os que sofrem, e digamos (ou cantemos), com toda a confiança:

R. Abençoi, Senhor, o vosso povo.

1. Pela Igreja, que caminha com as pessoas e as motiva a amarem-se na alegria de Jesus ressuscitado, oremos.
2. Pelos responsáveis de todas as nações, que procuram servir o bem comum com lealdade, e por todos os cidadãos que reconhecem o seu trabalho, oremos.
3. Pela nossa Arquidiocese de Braga, convocada para anunciar o Evangelho da alegria e do amor, com entusiasmo, oremos.
4. Pelos que sofrem muitas tribulações e continuam abertos na esperança a Deus, que lhes faz sentir a sua misericórdia, oremos.
5. Por aqueles em quem Deus faz maravilhas, que têm um coração agradecido e louvam sem cessar o seu nome santo, oremos.
6. Pela nossa assembleia dominical, que aqui se alimenta no Corpo de Cristo, e se sente motivada a viver a caridade fraterna e a fazê-la crescer, oremos.

Deus eterno e onipotente, que glorificastes o nosso Salvador e renovais todas as coisas em Cristo, fazei-nos cumprir o seu mandamento novo, para nos tornarmos, de verdade, seus discípulos. Ele que convosco vive e reina por todos os séculos dos séculos.

ADMONIÇÃO FINAL

“Como são belos os pés que anunciam... o Amor!”

Tivemos a sorte de ouvir a voz de Deus que nos falou no amor como garantia das coisas novas que poderão surgir na vida de cada um de nós. Não só nos falou de amor, mas por amor alimentou-nos, para que n’Ele possamos amar! Partamos com a alegria de nos sentirmos discípulos missionários, amados e escolhidos para amar!

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene do Tempo Pascal (*Missal Romano*, p. 558).

Olive & Noé



D. NUNO ALMEIDA: “MISERICÓRDIA É COMO UM DIAMANTE DE ALTO VALOR”



D. Nuno Almeida, bispo auxiliar de Braga, orientou, no passado Domingo, uma reflexão sobre “a bem-aventurança da Misericórdia”, na primeira de três conferências pascais a decorrer no arciprestado de Famalicão.

O bispo auxiliar referiu-se à misericórdia como um “diamante de alto valor, brilhante pela alegria e vida que irradia, que reflecte por raios coloridos o amor regenerador de Deus”, do qual todos são “herdeiros”, tal como refere o Departamento Arciprestal para a Comunicação Social, em comunicado. “Todos bebemos da mesma fonte que é o amor de Deus”, recordou o prelado. D. Nuno Almeida destacou ainda

que a misericórdia “cresce com o seu exercício” e é considerada “bem-aventurança, profecia e cura”. “Deus ama-nos pessoalmente, porque é Pai; ama-nos incondicionalmente, porque é Amor; quer o melhor para nós, porque somos filhos e sempre toma a iniciativa, ou seja, vem até nós, ama-nos e torna-nos capazes de amar e de recomeçar a amar”, acrescentou.

O arciprestado de Vila Nova de Famalicão organiza mais duas conferências pascais, subordinadas ao tema “Anunciadores da Misericórdia”, sob a orientação de D. Nuno Almeida. A próxima conferência decorre este Domingo, dia 17, e a seguinte no dia 24 de Abril, ambas às 17h30, na Igreja Nova Matriz de Famalicão.

AGENDA

DE 09.04.2016 A 08.05.2016

EXPOSIÇÃO “UM DIA NA TERRA” DE GONÇALO CADILHE

Museu da Imagem

16.04.2016

NOITE DE FADOS PELA ACOFA

21h00 / Auditório da Junta de Freguesia de Esporões

17.04.2016

CONCERTO COMENTADO: “O CONCELHO DE BRAGA E O SEU PATRIMÓNIO MUSICAL”

17h00 / Igreja de Sobreposta

Recoleção do Clero

19 ABRIL 2016 Seminário Conciliar

PROGRAMA | 9.30 LAUDES | 10.00 CONFERÊNCIA | LECTIO DIVINA | ADORAÇÃO | ALMOÇO



WWW.FAZSENTIDO.PT

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



D. JOÃO MARCOS

IMAGENS DA FÉ

“Imagens da fé” reúne pinturas de D. João Marcos, actual bispo coadjutor de Beja, presentes em espaços de culto das dioceses de Lisboa e Setúbal. A acompanhar cada obra encontram-se comentários artísticos e teológicos do autor. O cardeal-patriarca de Lisboa destaca, no prefácio do livro, que “evangelizar é ensinar a ver”. D. Manuel Clemente refere ainda que seguiu “com gratidão” as “catequeses pictóricas” de D. João Marcos, acrescentando que o autor se quis “incluir «com arte e com alma» na tradição mais autêntica da estética cristã”.

PVP
14,90 €

10%
Desconto*

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 14 de Abril a 21 de Abril de 2016.

Sim
Assim, sim, assim

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o director artístico do III Festival de Órgão de Braga, José Rodrigues.



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt